

# A ANÁLISE DE SISTEMA-MUNDO NA OBRA DE GIOVANNI ARRIGHI: ARTICULAÇÕES DO CONCEITO DE HEGEMONIA

*André Stuchi de Almeida<sup>1</sup>*

**Resumo:** O objetivo de nosso trabalho é apresentar uma investigação preliminar da estrutura teórica na qual se sustenta a análise desenvolvida por Giovanni Arrighi no decurso histórico que se inicia em 1982, com a escrita do artigo *A crisis of hegemony*<sup>2</sup>, e que se desdobra até 1994, ano de publicação da edição original de *O longo século XX*<sup>3</sup>, a fim de compreender os usos e articulações do conceito de hegemonia como eixo norteador da proposta de análise do moderno sistema-mundo arrighiana. Para tanto, nos valem de uma revisão dos autores que embasam a perspectiva da análise de sistema-mundo presente no pensamento de Arrighi, bem como a análise da transposição do conceito de hegemonia de Gramsci para a análise das relações internacionais.

**Palavras-chave:** Giovanni Arrighi; análise de sistemas-mundo; hegemonia; teoria da estabilidade hegemônica; ciclos históricos de acumulação.

---

<sup>1</sup> EPPEN-UNIFESP

<sup>2</sup> ARRIGHI, Giovanni. "A crisis of hegemony", em AMIN, Samir, et all. *Dynamics of global crisis*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1982, pp. 55-108.

<sup>3</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

## 1. O itinerário e o contexto histórico.

As investigações de Giovanni Arrighi no campo da análise de sistemas-mundo se inicia na década de 1970, no centro de uma discussão intelectual que envolve dois aspectos: por um lado, o debate sobre o conceito de imperialismo, que será analisado em sua obra *The geometry of imperialism*<sup>4</sup>, e que já aponta, em suas considerações finais, para a necessidade de dilatação de horizontes conceituais, iniciando um ensaio de articulação do conceito de hegemonia. Por outro lado, Arrighi se debruçara no estudo do momento histórico que se apresenta como uma crise não estritamente econômica e que pode ser delimitada entre 1968 e 1973.

Porém, a relação com o pensamento gramsciano remonta a um evento anterior. Quando de seu retorno à Itália, após uma passagem efervescente por universidades no continente africano, Arrighi se depara com uma função militante importante, a de tomar parte no movimento operário crescente - e caracterizado pelo ceticismo nas instituições partidárias e sindicais - e de a ele se integrar no que viria a se desdobrar como o movimento *Autonomia Operaia*.

Em busca de compreensão e participação orgânica nesse movimento, Arrighi e outros intelectuais se dedicarão ao pensamento de Antonio Gramsci, buscando os elementos teóricos que pudessem oferecer respostas à realidade e dinâmica do movimento operário autônomo. Para isso funda o Grupo Gramsci, órgão de intervenção teórica dentro do *Collettivi Politici Operai*. Essa incursão pelo pensamento do comunista sardo deixará uma marca indelével na obra do Arrighi.

Nesse mesmo contexto histórico, da década de 1970, se iniciam as investigações que darão origem ao escrito de *O longo século XX*. Estimulado pelo trabalho coletivo de seu grupo de pesquisa sobre a crise econômica e pelo constante intercâmbio intelectual com autores como Charles Tilly e Perry Anderson, Arrighi buscará as origens distantes da formação do capitalismo para compreender a crise mundial que assolava a década.

É nesse momento que, motivado pelos diálogos com Immanuel Wallerstein, se deparará com os conceitos de Fernand Braudel sobre o sistema-mundo. Resultante da própria interação entre os autores, Immanuel Wallerstein lançara as bases do que viria a se constituir como a chamada análise de sistemas-mundo com a publicação de *The modern World-system*, em 1974, em sintonia com as reflexões braudelianas presentes no terceiro volume de *Civilização material, economia e capitalismo*, publicada em 1986, mas que resulta de reflexões de décadas anteriores.

A incursão pela análise da economia capitalista em escala global e das relações políticas interestatais será, a partir de então, indissociável para Arrighi, dada a chave interpretativa fundada nessa dupla base: é uma leitura da economia-mundo capitalista a partir

---

4 ARRIGHI, Giovanni. *The geometry of imperialism: the limits of Hobson's paradigm*. Londres: NLB, 1978.

da ótica conceitual da construção das hegemonias históricas. Note-se que a interpretação da inseparável relação entre as esferas política e econômica nessa escala das relações internacionais, também deve-se a uma influência direta de Charles Tilly e de sua concepção acerca da formação de grandes estruturas históricas<sup>5</sup>.

Portanto, é nesse panorama de crise global capitalista e de um intenso debate intelectual sobre as suas origens, bem como marcado pela tarefa de oferecer respostas práticas, que o autor a ser investigado constitui o panorama de seus fundamentos analíticos, compondo um quadro diverso mas não difuso, como uma visão heterodoxa e abrangente, mais do que como um ecletismo, no sentido negativo do termo (ao menos até o período analisado).

## **2. Longue Durée e World-system analysis.**

É essa dupla crise - não apenas a econômica, que se desdobra a partir de 1973 e se aprofunda no decorrer das década seguinte, mas também a crise moral que havia sido exposta pelo maio de 1968 e a primavera pós-estruturalista francesa - que farão Arrighi voltar seu estudos para um âmbito mais profundo das relações capitalistas. A compreensão da ciclicidade das crises já se mostrara insuficiente para justificar o período vivido.

A busca se torna, portanto, pela compreensão da gênese histórico do capitalismo, pela identificação do seu momento de formação e da edificação das estruturas que o consolidaram, *mutatis mutandis*, no longo processo de sua existência. Aqui surgem os dois autores, em seu diálogo sobre a longa duração histórica e a formação das estruturas sociais capitalistas, Braudel e Wallerstein, respectivamente.

A contribuição de Braudel sobre a necessidade de compreender a formação da economia-mundo (*Weltwirtschaft*) capitalista<sup>6</sup> e o movimento de sua expansão espaço-temporal, associada à concepção de formação de grandes estruturas sociais, construídas, modificadas e destruídas no decurso do tempo histórico, conforme proposto por Wallerstein<sup>7</sup>, dão a Arrighi o substrato necessário para a investigação das origens do capitalismo, bem como da formação do que o autor denomina como ciclos sistêmicos de acumulação do capitalismo histórico.

A estrutura à qual o italiano faz menção é a da formação histórica da economia-mundo capitalista, e para compreendê-la, é preciso remontar às origens do sistema. Vale ressaltar que estão consideradas, como ponto central na obra do autor, as reflexões de

5 TILLY, Charles. *Big structures, large processes, huge comparisons*. Nova Iorque: Russell Sage, 1984.

6 BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo*. Séculos XV-XVIII . O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 2009. pp. 12-16.

7 WALLERSTEIN, Immanuel. *The modern world-system: capitalist agriculture and the origins of the european World-economy in the sixteenth century*. Nova Iorque: Academic Pressa, 1974. pp. 3-11.

Marx, presentes n'O Capital e sua análise de dinâmica capitalista, cabendo apenas, caracterizar sua dimensão histórica, seu desenvolvimento temporal, ao que tenta se dedicar.

A análise de sistemas-mundo responde a uma necessidade concreta, portanto: a de compreender o processo histórico de formação e expansão temporal e geográfica do capitalismo a partir da noção de totalidade. De acordo com Wallerstein<sup>8</sup>, é preciso a superação da dicotomia imposta por uma visão tradicional do marxismo que supõe o desenvolvimento econômico capitalista em etapas sucessivas e compreender a articulação existente entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento como faces de uma mesma sociedade capitalista articulada - articulação dada de modo desigual e combinado.

É nessa chave que a análise de Arrighi toma a noção de sistema-mundo capitalista para compreender a articulação de espaços onde a expansão do comércio cria vínculos e funda uma correlação desigual entre uma periferia (ou semi-periferia) e o centro determinante da economia-mundo. Considera, portanto, que a cada etapa do desenvolvimento histórico da economia-mundo capitalista, se organizarão núcleos determinantes do processo, que constituirão as sucessivas hegemonias históricas.

Cabe aqui ressaltar que trata-se de uma análise que não compreende que capitalista é o processo industrial, mas toda e qualquer iniciativa que suponha a lógica de produção destinada à venda, ou seja, a produção de mercadorias, por excelência, o que põe em cheque todas as teorias que supõe que o capitalismo *de facto* só pode ser entendido como existente a partir da revolução industrial e que todo o período anterior é parte da assim chamada acumulação primitiva.

Nada seria mais contraditório ao próprio princípio marxiano do que supor que a "assim chamada" acumulação primitiva não fosse também uma etapa do desenvolvimento histórico do capitalismo, e, se assim o é, então Arrighi considera que os princípios fundantes da sociedade e das relações capitalistas de produção precisam ser encontrados (em consonância com Wallerstein e Braudel) nas cidades-Estado italianas do Renascimento, onde a lógica mercantil supera os fundamentos da sociedade feudal e impõe uma autonomia relativa,

A busca pelo início desse processo histórico do capitalismo é o que encaminha Arrighi até as origens de uma mentalidade e uma prática nascida nos “enclaves irregulares” (ANDERSON, 2004, p. 37) ou “enclaves anômalos” (ANDERSON apud ARRIGHI, 1996, p. 31) da porção setentrional da península itálica. Trata-se de recompor dali os elementos lançados como base de uma nova forma de organização socioeconômica que distingue-se e, em certa medida, se opõe às estruturas da socie-

8 WALLERSTEIN, I. “The rise and future demise of World capitalist system: concepts for comparative analysis”, em *Comparative studies in society and history*, Volume 16, issue 4, sept. 1974, pp. 387-415.

dade feudal e que, a partir de então, começa a delinear as formas primeiras de relações comerciais propriamente capitalistas <sup>9</sup>.

Essa é a grande contribuição do conceito de longa duração braudeliano (*longue durèe*) no pensamento arrighiano: a de buscar as origens do capitalismo no processo da formação de comércio e das finanças das quatro grandes cidades renascentistas italianas, a saber, Gênova, Florença, Milão e Veneza. É nelas, em suas prática comercial e financeira, que residem, *in nuce*, aquilo que será a conformação da economia-mundo capitalista em futura expansão.

Frise-se que a noção da existência de ciclos sistêmicos sucessivos se funda exatamente na tentativa de apreensão histórica do processo de conformação do capitalismo histórico em consequentes expansões, tanto territoriais quanto de acumulação crescentes, e não em um modelo estrutural fixo, a ser seguido por repetições sucessivas, as estruturas aqui compreendidas, e que instauram sua ciclicidade temporal, são elas também erigidas social e historicamente, e passíveis de transformações e de uma completa ou parcial destruição (seguindo o espírito wallersteiniano) e servem mais como parâmetro comparativo de uma certa ciclicidade histórica do que de modelo rígido de análise, uma vez que a análise se submete ao processo histórico e não o oposto, seguindo um princípio marxiano clássico da busca pela apreensão do objeto.

A noção de totalidade concebida numa perspectiva da economia-mundo supõe a interação entre as unidades constituídas pelo Estado-nação, mas não se submete à ideia de que este e sua economia nacional devam ser a unidade de análise,

[...] Em primeiro lugar a substituição por uma unidade de análise chamada “sistema-mundo” da unidade padrão de análise, que era o Estado nacional [...] analistas de sistema-mundo ergueram uma sobrançelha cética, questionando se eles eram os mais úteis loci de análise. Ao invés de Estados nacionais como objeto de estudo, eles utilizaram, em substituição, “sistemas históricos” que, argumentava-se, existiam até o momento apenas em três variantes: minissistemas; e “sistemas-mundo” de dois tipos - economias-mundo e impérios-mundo <sup>10</sup>

Por outro lado, também não submete-se à perspectiva de uma “economia global”, abstração que parece deixar de lado os Estados nacionais. Reside, portanto, no entendimento da correlação de forças existente entre os Estados-nação e na cadeia constituída de

9 ALMEIDA, André Stuchi. *Hegemonia em Giovanni Arrighi*: itinerário de construção de um conceito (1982-1994). Disponível em: <[https://www.academia.edu/38535553/Hegemonia\\_em\\_Giovanni\\_Arrighi\\_itiner%C3%A1rio\\_de\\_constru%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_um\\_conceito\\_1982\\_1994\\_](https://www.academia.edu/38535553/Hegemonia_em_Giovanni_Arrighi_itiner%C3%A1rio_de_constru%C3%A7%C3%A3o_de_um_conceito_1982_1994_)>. Acesso em 22.09.2020.

10 WALLERSTEIN, I. *World-system analysis: an introduction*, Londres: Duke University Press, 2004, p. 16. (A tradução é nossa).

uma economia mais ampla que essas unidades nacionais, para entender seu entrelaçamento e suas determinações recíprocas, seguindo a concepção de Braudel, para quem

Para iniciar o debate, devemos esclarecer as duas expressões que se prestam a confusão: economia mundial e economia-mundo. A economia mundial estende-se à terra inteira: representa, como dizia Sismondi, “o mercado de todo o universo”, “o gênero humano ou toda aquela parte do gênero humano que faz comércio e hoje constitui, de certo modo, um único mercado”. A economia-mundo (expressão inusitada e mal acolhida pela língua francesa, que outrora forjei, à falta de melhor e sem grande lógica, para traduzir um emprego especial da palavra alemã *Weltwirtschaft*) envolve apenas um fragmento do universo, um pedaço do planeta economicamente autônomo, capaz, no essencial, de bastar a si próprio e ao qual suas ligações e trocas internas conferem certa unidade orgânica<sup>11</sup>

### **3. O conceito de hegemonia e as sucessivas hegemônias históricas.**

Nessa mesma perspectiva, Arrighi assume a ideia de hegemonia, herança das reflexões gramscianas e que compõe o grande eixo determinante de seu pensamento. Se feito um retrospecto da obra do autor, o tema da hegemonia já figura nos seus estudos da década de 1970, não apenas como resposta à crise do movimento operário italiano, mas também como busca de respostas à crise estrutural do capitalismo planetário na década de 1970<sup>12</sup>.

A articulação do conceito de hegemonia e sua transposição para as relações internacionais é que requer mais cuidado e certa atenção, uma vez que precisa de adaptações que, por vezes, foge à própria lógica e utilização do conceito por Gramsci, de modo que pode figurar como conceito diverso e até contraditório.

Assim sendo, é preciso partir da formulação original de Gramsci, a partir da principal referência para o conceito, os cadernos carcerários, em especial quando o autor trata da hegemonia e da função piemontesa, se onde Arrighi verte sua concepção,

[...] a supremacia de um grupo social manifesta-se de duas maneiras, como “dominação” e como “liderança intelectual e moral”. Um grupo social domina grupos antagônicos que tende a “liquidar” ou subjugar, talvez até pela força armada; ele lidera

11 BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. Vol 3. O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.12 (grifos no original)

12 Cf. ARRIGHI, G. *A short biography for the Encyclopaedia of comparative sociology*. Disponível em: <[https://krieger.jhu.edu/arrighi/wp-content/uploads/sites/29/2012/08/Arrighi\\_Short\\_Autobiography\\_for\\_Encyclopedia.pdf](https://krieger.jhu.edu/arrighi/wp-content/uploads/sites/29/2012/08/Arrighi_Short_Autobiography_for_Encyclopedia.pdf)>, acesso em: 25.09.2020; e HARVEY, David. “Giovanni Arrighi: the winding paths of Capital” em *New Left Review*, n. 56, mar-abr 2009. Disponível em: <<https://newleftreview.org/issues/II56/articles/giovanni-arrighi-the-winding-paths-of-capital>>, acesso em 25.09.2020.

grupos aparentados ou aliados<sup>13</sup> (GRAMSCI apud ARRIGHI, 1996, p. 28; 2001, p. 35).

A própria repetição da mesma citação em duas obras distintas já denota a filiação a um conceito segundo o qual é preciso analisar a correlação de forças de um grupo dominante a partir de um duplo aspecto complementar, e jamais antagônico, a da dominação e da liderança, coerção e consenso.

Todavia, é mister salientar que o âmbito da discussão de Gramsci é o terreno das relações intranacionais, ou mais precisamente, da relações de classe, de modo que toda transposição dessa chave analítica para outra, no caso a das relações internacionais, supõe um deslocamento relativo ou uma alteração do sentido original. No Caderno 19, ao tratar da função piemontesa no processo do *Risorgimento*, Gramsci reafirma sua perspectiva,

[...] A supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como “domínio” e como “direção intelectual e moral”. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a “liquidar” ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições principais para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante mas deve continuar a ser também “dirigente”<sup>14</sup>

Nos escritos de Arrighi, a grande transposição ocorre na busca por identificar no processo de desenvolvimento do capitalismo histórico, o Estado-nação capaz de estabelecer o papel de preponderância e condução de toda a dinâmica sistêmica, seu *hegemon*, ou seja, aquele que num conjunto de Estados nacionais mutuamente excludentes e dotados de autonomia nas relações interestatais se destaque dos demais, se torne seu *primus inter pares*<sup>15</sup>.

Para que se delimite os termos do debate, Gramsci toca na questão das relações internacionais sem fazer a mesma transposição, limitando-se a mencionar a subsunção das relações internacionais à condução da política nacional<sup>16</sup> e aos elementos necessários para

13 GRAMSCI apud ARRIGHI, G. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*, 1996, p. 28 e ARRIGHI, G e SILVER, B (org.). *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001, p. 35.

14 GRAMSCI. *Cadernos do cárcere*. §24, Q 19, V. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. pp. 62-3.

15 WALLERSTEIN apud ARRIGHI, G e SILVER, B (org.). *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001, p. 32.

16 GRAMSCI. *Cadernos do cárcere*. §2, Q 13, V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. pp. 19-21.

o cálculo da correlação de forças entre as nações<sup>17</sup>. Em especial nesse último aspecto figura uma concepção importante, a da potência hegemônica.

Devemos, então, já considerar de antemão que a utilização do conceito evoca e referencia-se no autor sardo, sem, todavia, tratar das mesmas relações, isto é, um refere-se à relação de classes e outro às relações internacionais, tornando improdutivo qualquer tentativa de validar a correção ou impostura em relação à formulação do conceito em Arrighi.

As sucessivas hegemonias que figuram no ciclos históricos de acumulação capitalista, tomam na obra de Arrighi a figura de um quadro esquemático que apresenta as estruturas e a dinâmica da produção e circulação capitalistas. O autor segue a referência de Marx e toma por base filiação aos conceitos desenvolvidos n’*O Capital*, mas sob um alerta de Braudel, segundo o qual é preciso captar o processo histórico que dinamiza os elementos capitalistas e dá forma material às relações sociais. As estruturas sociais capitalistas são buscadas em sua gênese, uma vez que imprimirão no decurso do processo histórico sua forma de organizar as relações sociais, o Estado e o intercâmbio existente entre as empresas privadas e os dois anteriores.

É necessário frisar, pois, a característica central do esforço teórico de Arrighi: buscar captar no processo histórico os elementos estruturantes da economia-mundo capitalista em sua ciclicidade, compreendendo a unidade relacional entre sociedade civil, Estado e empresas privadas, a fim de determinar o elemento mais ou menos comum ao processo.

O esquema teórico proposto pelo autor segue a indicação de Braudel, para quem os elementos da sociedade capitalista devem ser buscados nos enclaves urbanos da Itália setentrional. Ali foram gestadas os princípios norteadores da economia-mundo capitalista, carregando os elementos que viriam a se reproduzir nos sucessivos ciclos históricos, como a busca pela expansão territorial do comércio, ainda que limitada pelas vantagens da lucratividade ou pelo receio de sua perda, a indissociável relação entre o Estado e as empresas privadas e ainda, a função do Estado como catalisador das hegemonias.

A alusão aos Estados na designação dos ciclos é referencial para Arrighi, não significando que a preponderância do processo esteja relacionado aos Estados, exclusivamente, mas sim ao papel que estes cumprem como fiadores do processo de expansão da empresa capitalista, tanto como financiadores quanto como agenciadores da guerra de expansão eventualmente necessário para a realização do expansionismo.

O eixo norteador do pensamento de Arrighi é a existência de similaridades no processo dos ciclos de acumulação e até uma certa “repetição” de elementos e práticas no decorrer das sucessivas etapas, a saber, um ciclo genovês, que ainda não constitui propriamente um ciclo de acumulação mas cria suas estruturas que tomarão forma mais completa nos três ciclos posteriores, um holandês, outro britânico e, por fim o estadunidense,

---

17 *Idem.* §19, Q 13, V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. pp. 55-6.

Vejo, portanto, a economia-mundo europeia nascer muito cedo e não estou, como Immanuel Wallerstein, hipnotizado pelo século XVI. Na realidade, o problema que o atormenta não será o mesmo que Marx colocou? Citemos uma vez mais a célebre frase: “A biografia do capital começa no século XVI”. Para Wallerstein, a economia-mundo europeia foi o processo material do capitalismo. Não irei contradizê-lo neste ponto, pois dizer zona central ou capitalismo é designar a mesma realidade. Também, afirmar que a economia-mundo construída na Europa no século XVI não é a primeira a apoiar-se no pequeno e prodigioso continente é colocar ipso facto a afirmação de que o capitalismo não esperou o século XVI para surgir. Estou portanto de acordo com Marx quando escreveu (para depois se arrepender) que o capitalismo europeu (ele diz mesmo a produção capitalista) começou na Itália do século XIII. Não se pode dizer que esse debate seja vão<sup>18</sup>

Esses ciclos estariam determinados pela disputa de poder no sistema interestatal e pela disputa pelo capital circulante no circuito de comércio de longa distância e das finanças que se arquitetam para sua realização. Assim, as hegemonias reproduzem características semelhantes numa crescente de espaços a elas subsumidos e de proporções de reprodução.

Contudo, as hegemonias históricas se constituem como a capacidade de liderar um sistema interestatal, liderança essa em constante disputa por parte de novos pretendentes a *hegemon*. Assim, os ciclos se sobrepõem, intercalados por períodos de ascensão das hegemonias em disputa, consolidação do papel de liderança, novos momentos de disputa e declínio da hegemonia vigente.

Tal busca por hegemonia, seria, então, o movente desse sistema-mundo e as disputas por novos territórios, marcadas por guerras abertas, a dinamizadora da ascensão e queda do *hegemon* a cada ciclo. Fica evidente compreender a razão das reflexões, uma vez que se iniciam, para seu formulador, na busca pelo entendimento da crise de hegemonia dos EUA a partir da década de 1970.

A crise de hegemonia constitui-se não apenas como crise econômica, essa é apenas uma de suas formas e sinaliza que todo o sistema-mundo erigido a partir da centralidade de uma hegemonia está em crise, em vias de ser suplantado. É por isso que, para Arrighi, a ordem e os costumes vigentes sofrerá uma convulsão no maio de 1968, um movimento designado como antissistêmico, acompanhada pela crise econômica da década seguinte. Trata-se do desmonte de uma hegemonia e de toda a estrutura que arquitetara para a manutenção de sua lógica e que passa a ser abalada em sua totalidade<sup>19</sup>.

18 BRAUDEL, *op. cit.* pp. 45-6.

19 Cf. ARRIGHI, HOPKINS, WALLERSTEIN. “1989, the continuation of 1968”. Em *Review*, n. XV, v. 2, 1992, pp. 221-42.

#### 4. Limites de uma proposta teórica

É necessário, para enriquecimento do debate, trazer algumas reflexões críticas ao modelo de análise proposto por Arrighi. A começar pela própria crítica interna, segundo a qual a proposta pode padecer de uma sujeição ao engessamento em modelos esquemáticos. É a autocrítica proposta por Terence Hopkins ao buscar um escape à tendência teleológica do conceito.

Em outros termos, Hopkins propõe que se trata de analisar a dinâmica das três hegemônias sucessivas, holandesa, britânica e estadunidense como momentos de um único processo histórico da economia-mundo capitalista, porém alerta para o risco no qual a teoria pode incorrer ao tentar captar apenas as similaridades ou a recorrência das mesmas estruturas no decorrer do processo histórico, perdendo do seu horizonte analítico a própria historicidade, reduzida, em último caso, a elemento de justificativa da teoria<sup>20</sup>.

Como hipótese, podemos considerar que é essa mesma tendência ao esquematismo teórico que força Arrighi a um ecletismo, no sentido negativo do termo, cada vez maior ao se aproximar do período histórico mais recente. O contraste entre uma proposta de análise que tende a um viés teleológico e o processo histórico efetivo, parece forçar o autor a uma coleta difusa de dados e bricolagem de teorias para nutrir sua interpretação.

Outro aspecto, salientado pela crítica de Robert Brenner direcionada à análise de sistema-mundo, e que pode ser estendida à obra de Arrighi, é que o modelo analítico foca seu interesse na dinâmica da circulação no plano internacional, não na relação de classes que é fundante da sociedade capitalista. Por esse ponto de vista, a interpretação de Arrighi poderia ser considerada também como um “marxismo neo-smithiano”, com um deslocamento parcial em relação à esfera da produção capitalista, razão pela qual pode buscar os elementos estruturantes dessa sociedade nas formações econômicas mercantis<sup>21</sup>.

Parte desse suposto desvio em relação a uma perspectiva marxista ortodoxa se deve à influência de Braudel, para quem é necessário penetrar no “andar superior”, onde vigem as relações capitalistas e onde se encontram os grandes detentores da dinâmica histórica do capitalismo. De fato, a esfera da produção não é o cerne da investigação de Arrighi, uma vez que sua preocupação se centra no processo da formação e expansão da economia-mundo capitalista, ou seja, em sua macroestrutura e nas dinâmicas de poder que a guiam.

Por fim, a crítica mais contundente à proposição teórica de Arrighi parte de Radhika Desai e sua formulação sobre a *Geopolitical Economy*<sup>22</sup>. A partir desse campo de análise, a crítica à teoria da estabilidade hegemônica se apresenta não apenas como uma teoria solucionadora de problemas, ou seja, que surge como justificativa para explicar a crise e declí-

20 HOPKINS, T. K. “Note on the concept of hegemony” em *Review*, n. XIII, v. 3, 1990, pp. 409-11.

21 Cf. BRENNER, Robert. “The origins of capitalist development: a critique of neo-Smithian marxism” em: *NLR*, n. 104, jul/ago 1977. pp. 25-92.

22 DESAI, Radhika. *Geopolitical economy: after US hegemony, globalization and empire*. Londres: Pluto, 2013.

nio dos EUA a partir dos anos 1970, mas também como uma teoria cosmopolita, no sentido de construir uma figura para além dos Estados nacionais como entificação abstrata.

Assim como o conceito de império ou de globalização, o conceito de economia-mundo supostamente autonomiza relações que se dão no âmbito material dos Estados e na relação interestatal, bem como no plano econômico nacional e em sua expansão transnacional. Para Desai, a adoção dessa perspectiva apenas embota a compreensão da dinâmica histórica, uma vez que o ciclo hegemônico estadunidense não figura no mesmo modelo dos anteriores, tendo que ser descrito por Arrighi como anômalo ou irregular.

Essa hipótese coloca em debate a validade da teoria, isto é, se seu conteúdo de fato condiz com a compreensão do processo histórico, uma vez que para a compreensão do período histórico mais recente, requer cada vez mais eclétismo teórico e denota menor capacidade de caracterização da hegemonia como sendo similar às anteriores<sup>23</sup>.

As críticas aqui destacadas servem como hipótese para ampliação das reflexões e não como condenação peremptória. Cabe salientar se o próprio percurso de Giovanni Arrighi no decurso dos escritos que se consolidam em seu último livro já incorporam, mesmo que parcialmente essas críticas.

Ao destacar a dominação sem hegemonia<sup>24</sup>, Arrighi acaba por se reconectar à proposta que iniciara em 1982<sup>25</sup>, onde ainda se apresentam os conceitos de hegemonia e imperialismo como um tanto confusos entre si, ou em outros termos, a hegemonia como uma das partes formadoras do processo de dominação.

Por fim, a própria revisão do autor, em fim de vida, e a incorporação das críticas recebidas no percurso de suas reflexões, parece apresentar uma concepção que, antes de eclética, é sujeita à revisão analítica à luz de novas propostas interpretativas e que busca, mais do que propor um modelo esquemático interpretativo, fazer um convite à análise do processo histórico.

---

23 *Idem.* pp. 147-9.

24 ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2008. pp. 185-99.

25 ARRIGHI, Giovanni. "A crisis of hegemony" em AMIN, et all. *Dynamics of global crisis*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1982, pp. 55-108.